

NUNCA RESPIRAMOS TANTO CINEMA

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

ESPECIAL PARA O CORREIO

De 1975, ano da volta do festival depois do lamentável hiato dos anos Médici, até agora são 33 encontros com o cinema brasileiro e seus artifícies. Lembro-me como se fosse hoje do festival renascido, pois o delicioso duelo entre *Guerra conjugal* e *Rainha diaba* ficou registrado para sempre na minha memória. Era estudante de jornalismo na UnB e vi no festival candombo, que renascia, a oportunidade de reencontrar minha infância e adolescência em Minas, passada praticamente dentro do Cine União, construído por meu pai.

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro de 1977 é, porém, o que mais me marcou. A UnB estava em greve. Os filmes brilhavam na tela do Cine Brasília e os estudantes enfrentavam filas homéricas para comprar ingresso (não existia a maravilhosa sessão das 23h). Os debates ferviam. Ruy Guerra, então ajudando o Governo Samora Machel a construir projeto cinematográfico em Maputo, desembarcava em Brasília. Lindo, cabeludo e com um inseparável charuto, ele nos parecia, a nós, estudantes da UnB, um Che Guevara moçambicano. Aonde ele ia, nós íamos atrás. Quando ele reivindicou assento formal (em nome de Moçambique) no Encontro de Cinematografias dos Pa-

ses de Expressão Ibérica, evento promovido pela Embrafilme, Itamaraty e pelo festival, tomamos partido na hora. Ofertamos, sem que tivéssemos poder para isto, o cargo a ele. Nunca respiramos tanto cinema, tanta política e tanto terceiromundismo como naquele ano.

Paulo Emílio conta que o Festival de 1965 (ainda Semana do Cinema Brasileiro), o primeiro de todos, foi maravilhoso. Seu testemunho está impresso no artigo *Novembro em Brasília*. Ele gostou do vencedor, *A hora e vez de Augusto Matraga*, mas seu xodó era *O desafio*, de Saraceni. Sérgio Augusto, por sua vez, diz que o Festival de 1968, o terceiro, foi demais. Sganzerla causou furor com o *Bandido da Luz Vermelha* e Gustavo Dahl teria levado um soco num debate em torno de *O bravo guerreiro*.

Em 1991, um fato inesperado – a histórica vaia na atriz Cláudia Raia (não ao trabalho dela, mas ao papel de musa colhida que assumira) – acabou revelando ao país um dos mais importantes componentes do festival: sua platéia numerosa, vibrante e politizada. A imprensa brasileira, dada a repercussão dos apupos, começou a abrir espaço para essa parte fundamental do processo cinematográfico. Ou seja: apurou o foco naqueles que assistiam aos filmes. Os espectadores do festival devem esta "des-

coberta" a Cláudia Raia.

Tenho imenso apreço pela edição de 1996, aquela que — depois do deplorável período Collor — marcou a entrada para valer dos filmes de estreantes no conceito curatorial do festival. Ano da revelação da dupla Lírio Ferreira & Paulo Caldas (*Baile perfumado*) e Tata Amaral (*Um céu de estrelas*). Seria também, não fosse uma barbeiragem da comissão de seleção, o ano de *Sertão das memórias*, de José Araújo, premiado no Sundance e na Suíça.

Um pouco destas histórias são lembradas no livro *Festival de Brasília 40 anos*, que será lançado hoje. Nesse projeto coletivo, estão parceiros que amam intensamente o Festival de Brasília: Vladimir Carvalho, Tetê Catalão, Marcos Mendes, Carlos Marcelo, Celso Araújo, Myrna Brandão e Marco Túlio Alencar. Hoje, no final da tarde, estaremos juntos autografando o livro. Na fila, queremos ver todos os cinéfilos brasilienses. E deixar nosso apoio integral à campanha "Eu Amo o Cine Brasília – Antes, Durante e Depois do Festival...".

A linda sala niemárica, reformada com gosto pelo saudoso embaixador Murtinho, não merece sessões assistidas por mudas cadeiras cinéfilas.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO É JORNALISTA E PESQUISADORA